

A jornada epopeica de um empresário brasileiro

A nossa capacidade empática melhora à medida que vivemos. Inúmeros são os desafios da vida que nos colocam na situação do outro. Há algumas semanas, por necessidade, estive na pele de um contador e de um empresário brasileiro tentando alterar um contrato social de uma empresa.

Tecnicamente, olhando na lei, tudo parece tão simples que até o filho do Altino conseguiria resolver de olhos fechados enquanto saboreava sua pipoca comprada na esquina do Salesiano. Contudo, quando partimos para a prática, tudo é absurdamente burocrático e pouco lógico. Uma alteração do gênero deveria ser feita por meio de um depósito da modificação em um banco de dados no *site* da Receita Federal, que deveria, por sermos uma federação, comunicar os atos aos entes subnacionais. Depois disso, clicar no ícone “gerar taxa” e, após abertura de seu aplicativo do banco no celular, pagar a taxa. Seu problema estaria resolvido. No entanto, não sonhe, não é assim. Aliás, nem se parece com isso.

“Eles” exigem que você vá a um órgão estadual e preencha o primeiro formulário. Solicitam dados sem nexos como a inscrição e a metragem quadrada ocupada pelo imóvel onde está a empresa. E se você não quer alterar o endereço da empresa? O sistema não está nem aí com isso. Coitado de você então se a sua empresa tiver dois endereços diferentes, porque aí começará a verdadeira peregrinação para saber qual o endereço a ser declarado. Pior: você liga para 10 pessoas e nenhuma delas vai saber responder. Uma passará para a outra, que passará para a outra e assim sucessivamente até que a ligação caia ou o expediente da repartição termine ou, ainda, sua paciência se esgote.

Depois você deve preencher outro formulário, desta vez em um órgão federal, cheio de “eventos” e que tem um manual interminável de como preencher aquela coisa esdrúxula. Terminou? Preencheu? Certo, agora torça para que tudo esteja correto, sem uma vírgula fora do lugar para não precisar fazer tudo novamente. O próximo passo é voltar ao órgão estadual, pedindo para que emitam as guias para pagamento da taxa. Por fim, compareça para dar um “oizinho” também no órgão municipal e também recolher umas “taxinhas” por lá. Depois dessa epopeia, você se pergunta, já desgostoso e irritado: E tudo isso para que(m)?

Duas respostas vieram-me. A primeira: para os milhares de brasileiros que ganham a vida - e alguns até enriquecem - com essa cultura retrógrada e burocrática. A segunda, pensei: para aumentar nossa capacidade empática, nos tornando seres mais sensíveis aos problemas daqueles que realmente produzem riqueza no País, ao contrário desses sanguessugas de pouca utilidade.